
Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto
■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Com o patrocínio da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia)

DIRECÇÃO:

Jorge Monteiro (Presidente do Instituto do Vinho do Porto)

José Ângelo Novais Barbosa (Reitor da Universidade do Porto)

José Manuel Gaspar Torres Pereira (Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

DIRECTOR-COORDENADOR:

Gaspar Martins Pereira (Coordenador do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/FLUP)

CONSELHO DE REDACÇÃO:

António Barreto (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

António Vilela de Matos (Pró-Reitor da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro/Documentação e Extensão)

Arlete Mendes Faia (Depart. de Indústrias Agro-alimentares/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Aurélio Araújo de Oliveira (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Alberto Brochado de Almeida (Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Melo Brito (Faculdade de Economia/Universidade do Porto)

Conceição Andrade Martins (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

Fernando Bianchi de Aguiar (Departamento de Fitotecnia e Eng. Rural/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Francisco Ferreira Monteiro (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar)

Francisco Ribeiro da Silva (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

François Guichard (Universidade de Bordéus III/Centro de Estudos Norte de Portugal – Aquitânia)

Jean Lave (Social & Cultural Studies/Universidade da Califórnia – Berkeley)

João Rebelo (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

José Portela (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Luis Miguel Duarte (História Medieval/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Norman R. Bennett (Departamento de História/Universidade de Boston)

Nuno Pizarro de Magalhães (Depart. de Fitotecnia e Eng. Rural/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Vital Moreira (Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra).

SECRETARIADO:

Paula Montes Leal, Natália Fauvrelle Ferreira e Adelaide Gil

PROPRIEDADE:

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto ■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

EDIÇÃO:

GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto ■ Apartado 55038 ■ 4051-452 PORTO – PORTUGAL

Telefone e fax.: (02) 6077156 ■ E-mail: gehvid@letras.up.pt

Fotografia da capa: «Vista panorâmica da Quinta do Valado» (pormenor) Foto Alvão, ca. 1930. Col. Arquivo Histórico A. A. Ferreira.

Composição: Edições Afrontamento

Impressão e Acabamento: Rainho & Neves, Lda.

Assinatura anual (2 números):

Instituições: 4000\$00; **Individuais:** 3500\$00

Preço deste número: 3000\$00

Tiragem: 1200 exemplares

Depósito Legal: 98629/96

ISSN: 0873-3899

© Direitos reservados, de acordo com a legislação em vigor.

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

SUMÁRIO

Editorial 7

Estudos

- Caracterização genérica da região vinhateira do Alto Douro 11
José Alves Ribeiro
- Procuras urbanas, ambiente(s) e desenvolvimento de regiões do interior 31
Manuela Ribeiro
- Tudo em detalhes: instantâneos sobre o comércio de vinho do Porto entre 1777 e 1786 45
Paul Duguid
- O castelo da Vila de Torre de Moncorvo (e contributos para a história da sua destruição) 73
Carlos d'Abreu

Outros vinhos

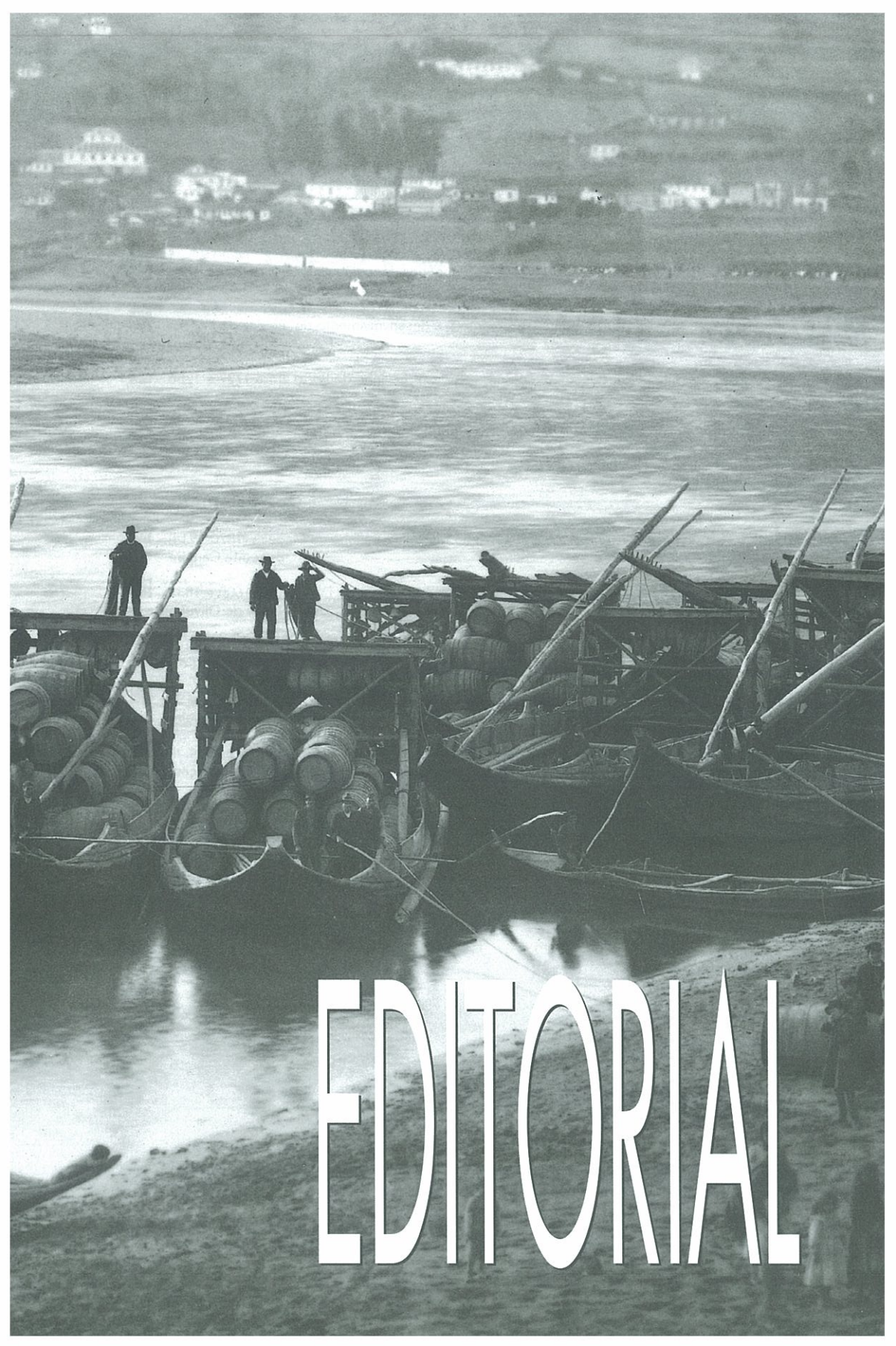
- O Vinho Marsala e o Vinho da Madeira (1870-1914) 103
Benedita Câmara
- Algumas notas sobre a cultura da vinha e sobre o vinho na «Região do Dão», entre 1600 e 1832 117
João Nunes de Oliveira

Documentos

- Memória sobre os Linhos de Trás-os-Montes e Alto Douro de José António de Sá 137
Aurélio de Oliveira
- A Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro em 1784. III 153
Gaspar Martins Pereira (Recolha, nota introdutória e revisão) ■ Margarida Carmo (Transcrição)

Relatórios e notas de pesquisa

- Sinais do passado em Marialva, concelho da Meda 173
Carlos A. Brochado de Almeida ■ João Viana Antunes ■ Pedro Baêre de Faria
- Projecto de investigação arqueológica no território do Monte do Castelo 219
Susana Rodrigues Cosme



EDITORIAL



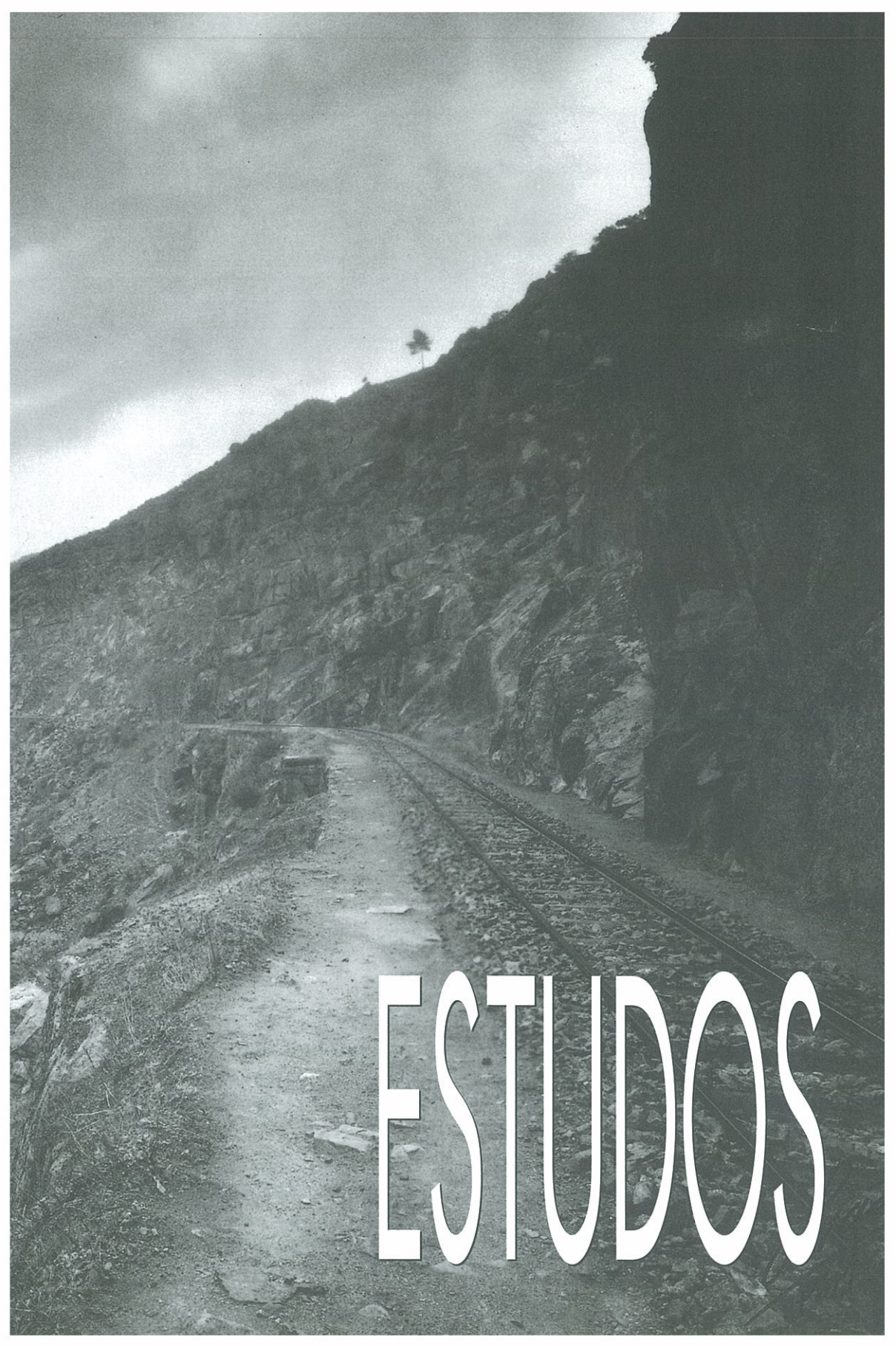
«Embarque de vinhos no cais da Régua». Foto Emílio Biel, ca. 1905.

Com a publicação deste número da revista DOURO – Estudos & Documentos fechamos um ciclo editorial. Tendo aceite o convite para coordenar, nos próximos três anos, as actividades de criação do Museu da Região do Douro, não poderia exercer as responsabilidades desse desafio senão em regime de total empenhamento, dificilmente conciliável com as actividades académicas e com a coordenação do GEHVID e da revista. O próximo número aparecerá, assim, com um novo coordenador, com um novo secretariado e, provavelmente, com uma nova periodicidade. E as novidades permitirão retomar o fôlego para consolidar este projecto interuniversitário e pluridisciplinar. A todos quantos colaboraram connosco, durante mais de cinco anos, e sobretudo aos que aceitaram assumir a responsabilidade da publicação futura da revista, nomeadamente ao Professor Francisco Ribeiro da Silva, expressamos aqui o nosso reconhecimento.

Simultaneamente, o projecto global do GEHVID conhecerá ainda em 2001 uma fase decisiva de afirmação e de mudança, com a concretização de importantes iniciativas, que constituem, de certa forma, pontos de chegada do trabalho desenvolvido ao longo de cerca de sete anos, mas que abrirão também, seguramente, novas perspectivas para projectos futuros. Entre essas iniciativas destacam-se a publicação da obra colectiva História do Douro e dos seus vinhos e a realização do II Simpósio Internacional de História e Civilização da Vinha e do Vinho, sob o tema «A vinha e o vinho na Cultura da Europa», integrando-se ambas na programação cultural do Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura. A História do Douro, a editar em colaboração com as Edições Afrontamento, reunirá em quatro volumes contribuições de algumas dezenas de investigadores. Trata-se de uma visão de síntese da história regional, desde a pré-história aos nossos dias, que reflectirá muito do trabalho de pesquisa feito por investigadores do GEHVID, a par de estudos de outros investigadores nacionais e estrangeiros que se têm dedicado à temática duriense. O Simpósio Internacional, organizado em colaboração com a Associação Internacional de História e Civilização da Vinha e do Vinho e com o Departamento de Economia e Sociologia da UTAD, a realizar no Porto e no Douro, entre 10 e 12 de Setembro, reunirá investigadores de mais de uma dezena de países. Constituirá, certamente, um importante espaço de intercâmbio de conhecimentos sobre o tema e consolidará as relações internacionais do GEHVID.

Não menos significativa é a crescente colaboração de investigadores do GEHVID com instituições da região do Douro e do sector dos vinhos do Porto. Além da participação de quatro investigadores do GEHVID no projecto do Museu da Região do Douro, a equipa de Património irá colaborar na elaboração do Plano Integrado de Ordenamento do Território para a área do Douro Vinhateiro, na sequência do estudo realizado para a candidatura a Património Mundial. Uma equipa de Arqueologia, patrocinada pela Sogrape e com o apoio do Parque Arqueológico do Côa, irá trabalhar em tempo integral na escavação da estação romana de Olivais de Telhões, em Almendra. Em curso estão diversos projectos de edição, em colaboração com autarquias e instituições da região. Se muito há ainda a fazer, sentimos que muitos dos objectivos que traçámos vão sendo alcançados, o que nos dá o estímulo necessário para prosseguir.





ESTUDOS

José Alves Ribeiro *

Caracterização genérica da região vinhateira do Alto Douro

1. CARACTERIZAÇÃO ECOLÓGICA DA REGIÃO

1.1. Sub-regiões

A região vinhateira do Alto Douro é uma região demarcada que se estabelece geograficamente ao longo do troço médio do vale do rio Douro e parte de alguns dos seus afluentes das duas margens, e define-se desde Barqueiros no concelho de Mesão Frio até Mazouco, no concelho de Freixo de Espada à Cinta, ao longo de 100 Km sobre o estrato geológico do complexo xisto-grauváquico pré-câmbrico.

Está subdividido tradicionalmente em três sub-regiões: Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior. No entanto nesta resenha seguiremos um critério um pouco mais pormenorizado para as sub-regiões ecológicas estabelecidas para toda a província de Trás-os-Montes e Alto Douro por Gonçalves (1986) que se resume na carta transcrita com a devida autorização do autor e reproduzida na Figura 1 representando toda a Província.

Seguindo-se este critério, vão inserir-se no Alto Douro vinhateiro seis sub-regiões, (no mapa com siglas TQ1, TQ2, TQ4, TT1, TT2, TT4, notando-se que as sub-regiões TQ3 e TT3 não têm expressão na região demarcada duriense), em que as sub-regiões TQ (Terra Quente) correspondem à zona de menor altitude (Douro-vale) até aos 400 metros de altitude, de mais marcada mediterraneidade (piso bioclimático mesomediterrâneo médio), acentuando-se a interioridade de 1 para 4; e as sub-regiões TT (Terra de Transição), zonas sub-planálticas, com algum

cariz sub-atlântico (piso bioclimático mesomediterrâneo superior), a altitudes entre 400 e 700 metros, sendo igualmente de 1 a 4 o gradiente de interioridade, ou seja, vai-se acentuando uma feição ecológica sub-continental. Na Figura 2 está apenas a região demarcada.

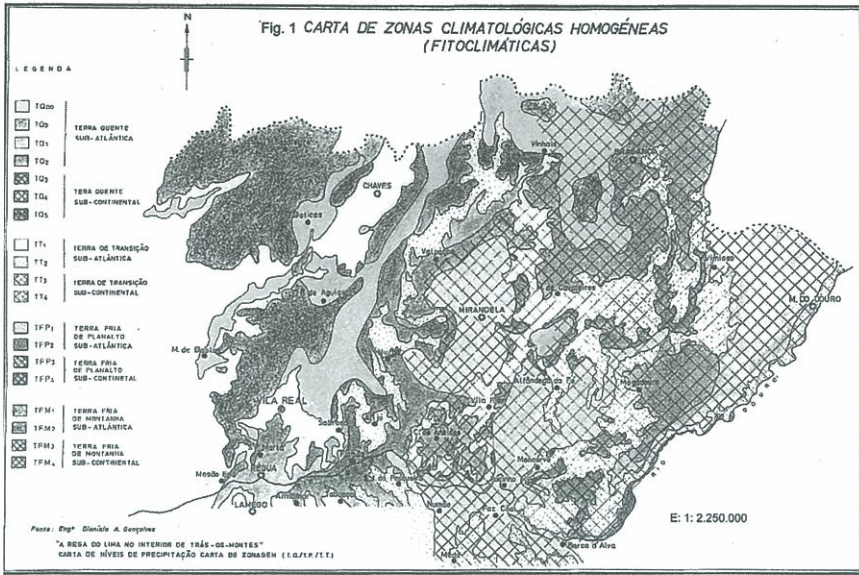


Figura 1 – Carta de zonas climatológicas homogéneas (fitoclimáticas).

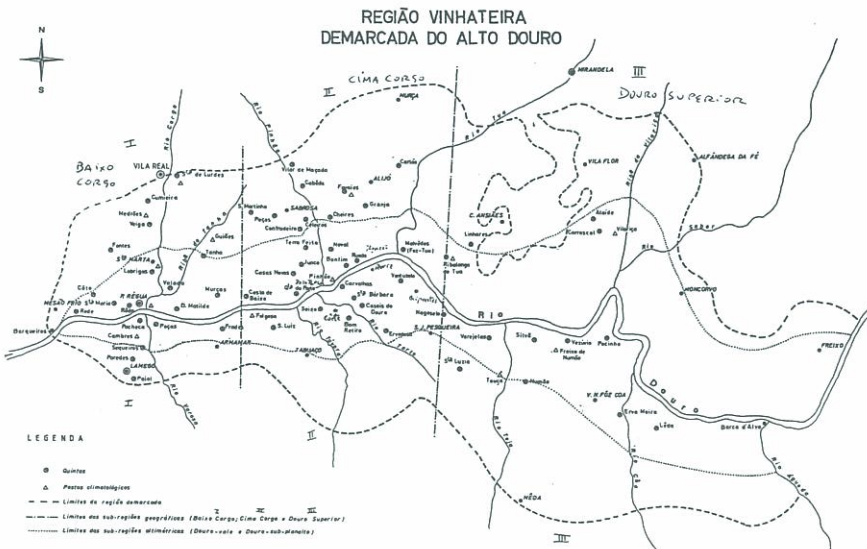


Figura 2 – As sub-regiões do Alto Douro e as quintas mais importantes

As sub-regiões TQ1, TQ2 e TQ4, estão inseridas bem dentro da Associação florística da azinheira (*Quercetum rotundifoliae*) e as sub-regiões TT1, TT2 e TT4 na transição para a associação do carvalho negral (*Quercetum pyrenaicae*), como se pode confirmar no mapa fitogeográfico de Portugal Continental de J. Amaral Franco (1981) de que se transcreve a Zona Norte (Figura 13) e na carta fitogeográfica regional de Mendonça e Vasconcellos (1970/71) (Figura 14).

Por outro lado, a sub-atlanticidade nas zonas mais ocidentais, ou seja, na sub-região do Baixo Corgo, é definida em toda a Província pela presença exclusiva de *Quercus robur* (carvalho-roble) e de *Ilex aquifolium* (azevinho) e pela maior preponderância de *Pinus pinaster* (pinheiro bravo), de *Ulex europaeus* (tojo-arnal), de *Adenocarpus complicatus* (codeço), e de *Erica arborea* (urze-branca), enquanto a sub-continentalidade nas zonas mais interiores, a leste, é definida pela presença exclusiva do *Juniperus oxycedrus* (zimbros), de *Lygos sphaerocarpa* (piorno), de *Acer monspessulanum* (zelha), e de *Rhamnus lycioides* (espinheiro-preto), e maior preponderância de *Cistus ladanifer* (esteva), de *Lavandula pedunculata* (rosmaninho), de *Thymus mastichina* (tomilho), de *Cistus albidus* (roselha), *Prunus mahaleb* (abrunheiro-bravo) e outras espécies tipicamente mediterrâneas. De certo modo, a sub-região central, o Cima-Corgo, estabelece a transição entre o Baixo-Corgo de feição sub-atlântica e o Douro Superior de feição marcadamente ibero-mediterrânica e muito conotado com a grande região conhecida pelo nome de Terra Quente. Esta situação de transição do Cima Corgo vai-se traduzir nalguma polémica quanto às delimitações fitogeográficas da região duriense, como veremos no sub-capítulo 1.4 relativo à Flora e Vegetação.

1.2. Clima

Os dados climatológicos para este trabalho foram alguns deles recolhidos na publicação *O Clima de Portugal*, dos Serviços Meteorológicos; outros foram cedidos gentilmente pelo Centro de Estudos Vitivinícolas do Douro; outros ainda transcritos da publicação *Contribuição para o estudo das geadas em Portugal Continental*, de Bettencourt (1980).

Para complemento da caracterização das seis sub-regiões transcrevem-se também os gráficos ombrotérmicos baseados em médias de 30 anos (Figuras 3 a 8).

Todo o Alto Douro vinhateiro é caracterizado pela mediterraneidade. Esse aspecto é bem patente nos índices climáticos visíveis nos referidos gráficos anexos, sendo tanto mais acentuada quanto mais interiores e de mais baixa altitude forem as estações (e respectivas sub-regiões) consideradas. Veja-se, por exemplo, o deficit hídrico e compare-se Régua com o Pocinho ou Alijó com Moncorvo.

Quadro 1 – Caracterização climática da região (médias de 30 anos)

	BC-V RÉGUA	BC-SP V. REAL	CC-V PINHÃO	CC-SP ALIJÓ	DS-V POCINHO	DS-SP MONCORVO
Temperatura média do ar (°C)	15.5	13.6	16.2	13.6	16.5	15.2
Humidade relativa do ar (%)	75	74	74	73	72	71
Insolação %	53	58	50	54	57	59
Número de dias de geada por ano	26	59	30	62	40	45
Precipitação anual (mm)	855.7	1018.8	658.0	780.6	405.5	505.7
Evapotranspiração potencial (mm)	824	740	869	741	901	807
Evapotranspiração real (mm)	534	545	503	477	407	461
Deficit da água (mm)	290	225	366	264	473	346
Super avit. de água (mm)	318	504	161	153	0	45
Índice hídrico	17.5	49.9	-6.7	-0,7	-31.5	-20.2
Classificação climática de Thornthwaite	C ₂ B ₂ s ₂ b ₄	B ₂ B ₂ sb ₄	C ₁ B ₂ sb ₄	C ₁ B ₂ s ₂ b ₄	DB ₃ db ₃	DB ₂ db ₄

BC-V, CC-V e CC-SP – Clima tipo CBSb – Sub-húmido, mesotérmico, de Verão seco e de moderada concentração da eficácia térmica estival

BC-SP – Clima tipo BBSb – Húmido, mesotérmico, de Verão seco e de moderada concentração da eficácia térmica estival

DS-V e DS-SP – Clima tipo DBdb – Semi-árido, mesotérmico, de Verão seco e de moderada concentração da eficácia térmica estival

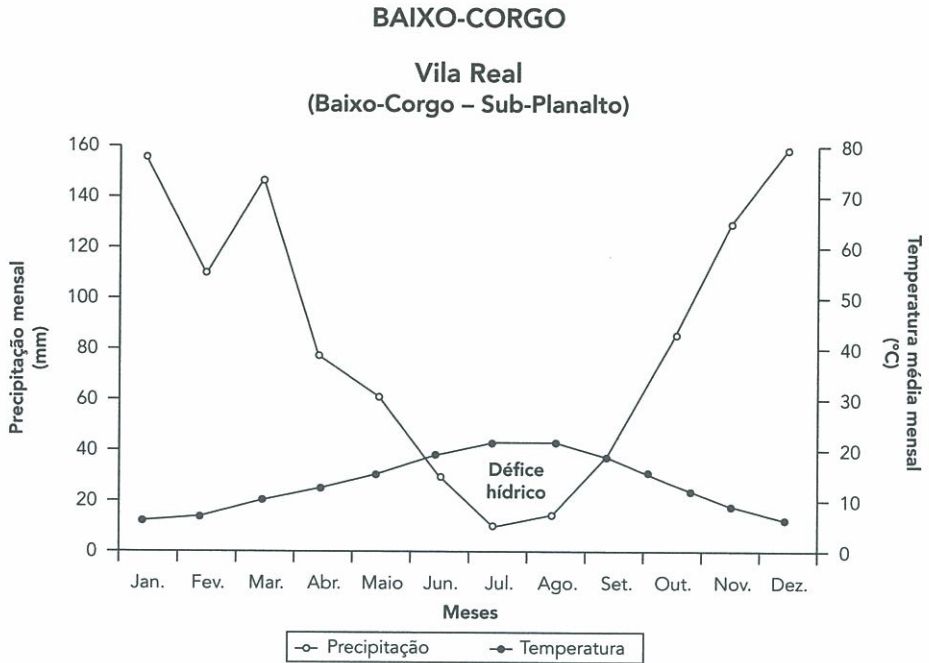


Figura 3 – Gráfico ombrotérmico de Vila Real. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 30 anos.

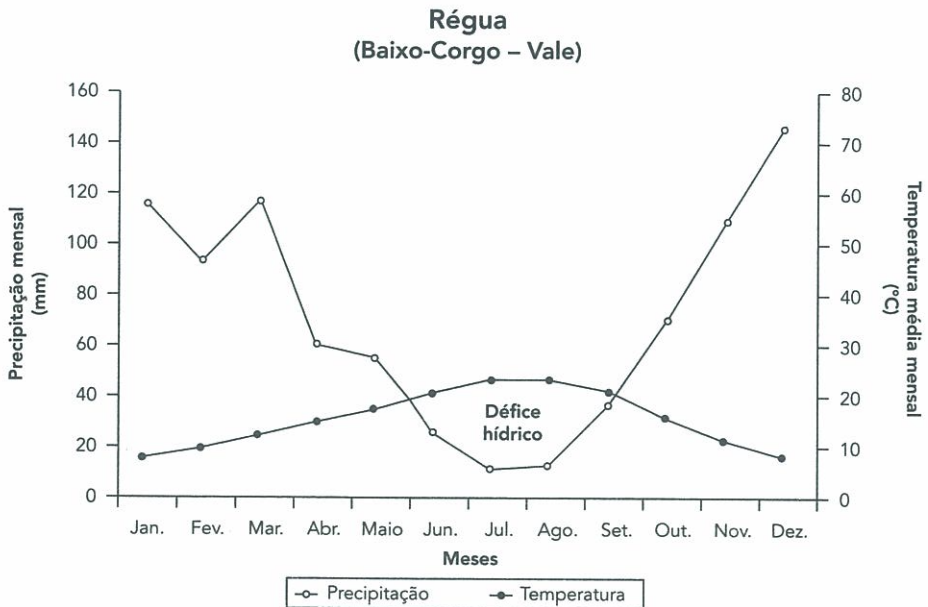


Figura 4 – Gráfico ombrotérmico da Régua. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 30 anos.

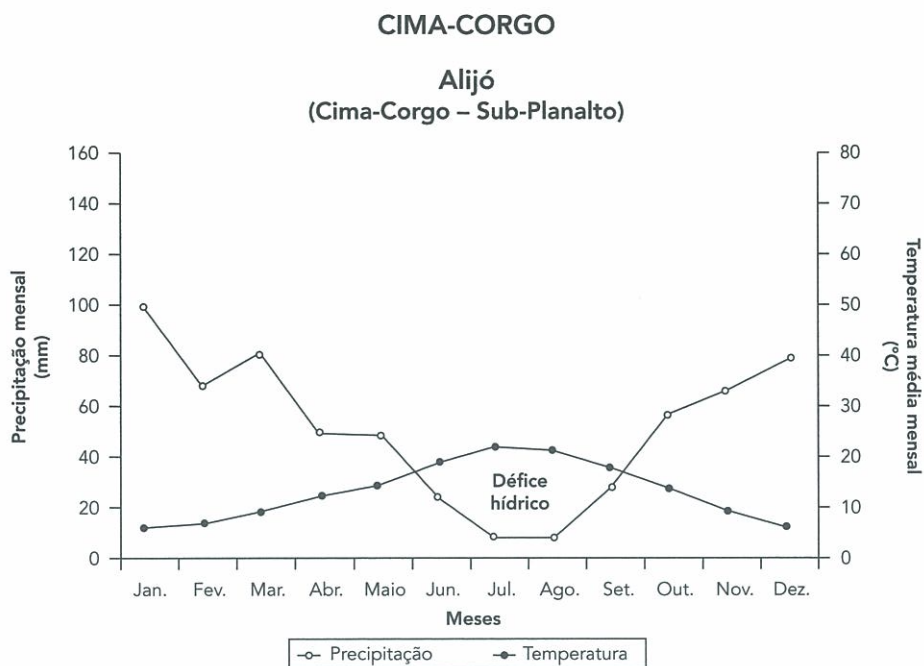


Figura 5 – Gráfico ombrotérmico de Alijó. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 25 anos.

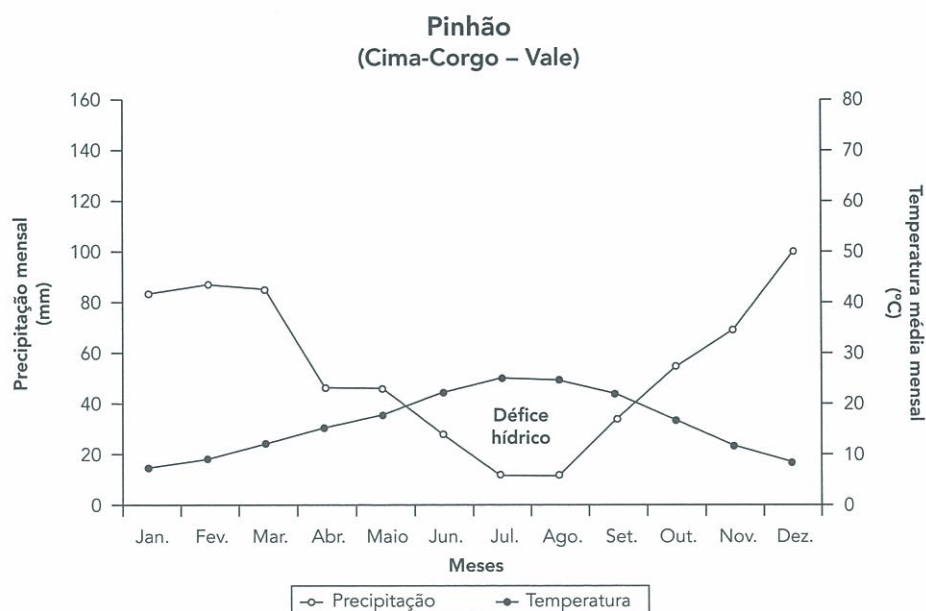


Figura 6 – Gráfico ombrotérmico do Pinhão. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média anual são médias de 30 anos.

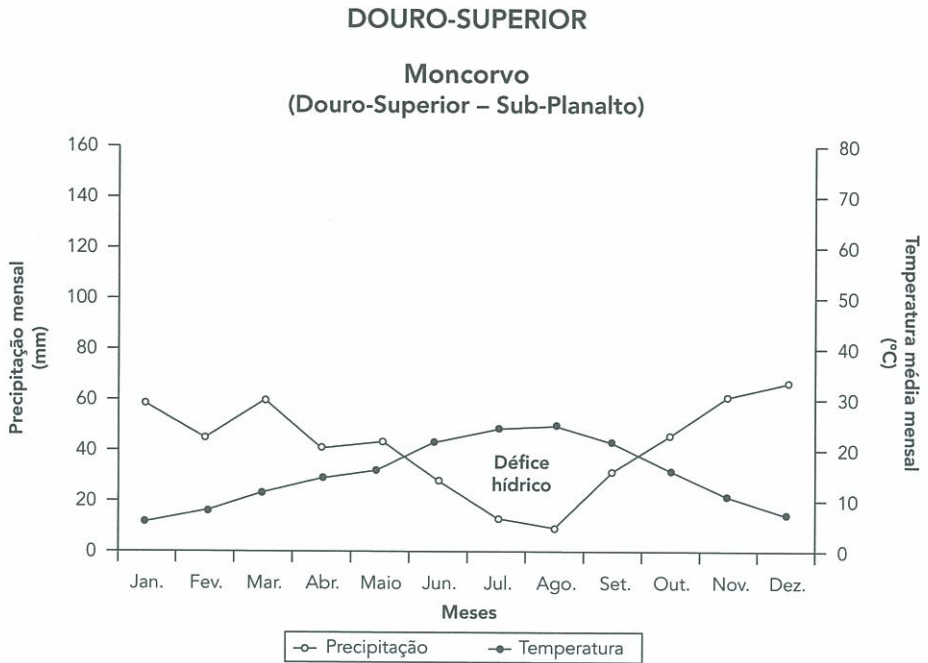


Figura 7 – Gráfico ombrotérmico de Moncorvo. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 25 anos.

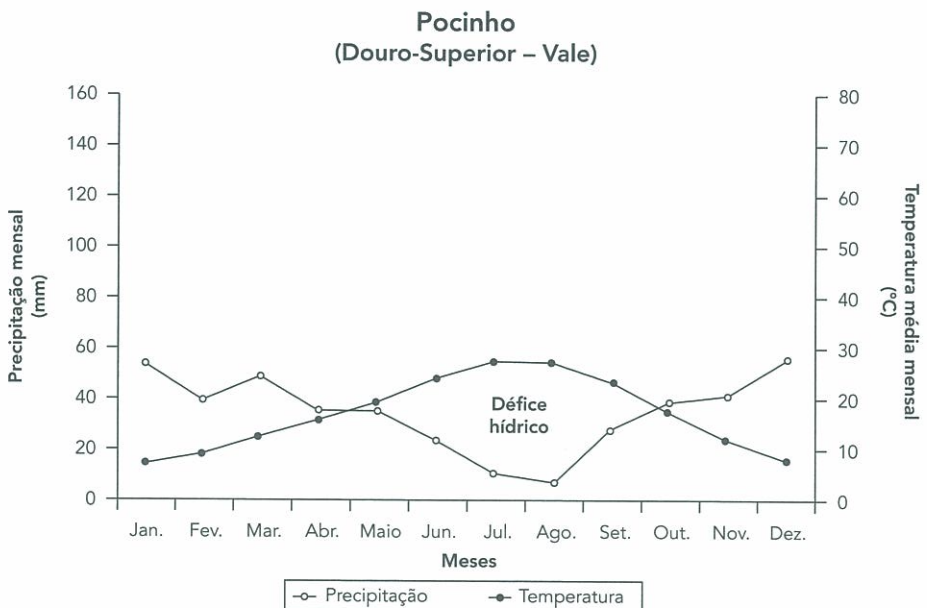


Figura 8 – Gráfico ombrotérmico do Pocinho. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 25 anos.

1.3. Geologia e Solos

Devido à relativa homogeneidade geológica, quase toda a região vinhateira do Alto Douro se situa no complexo xisto-grauváquico pré-câmbrico. Há quase um decalque da demarcação desta região vinhateira sobre a referida mancha xistenta. Apenas em alguns locais, como Carrazeda de Ansiães, Numão (no concelho de Foz Côa) e Sande (no concelho de Lamego), surgem manchas graníticas intercaladas nessa grande mancha xistosa, sendo a do planalto de Carrazeda de Ansiães a de maior expressão em área.

Essa mancha xisto-grauváquica é circundada, a Norte em Trás-os-Montes e a Sul na Beira-Douro, essencialmente por granitos. Num outro ponto, como na zona de Moncorvo – Barca de Alva, surgem também pequenas manchas do silúrico e do ordovício. Estes aspectos podem ser observados na carta geológica da região, transcrita da carta Geológica de Portugal Continental (Figura 9).

Os solos da região vinhateira do Alto Douro são, também, pouco diversificados e quase todos de origem artificial, provenientes de arroteias, surribas ou «saibramentos» de 1,0 a 1,5 metros de profundidade, acompanhados da fragmentação da rocha-mãe. Os solos naturais existentes em matas, incultos ou em certas áreas cultivadas mas degradadas são, de modo geral, leptossolos dístricos ou, mas raramente, êutricos, cambissolos dístricos ou úmbricos, por vezes levemente podzolizados. Nos sub-planaltos surgem alguns leptossolos úmbricos, associados a cambissolos.

Nos fundos dos vales e em algumas estreitas várzeas existentes na região, encontram-se fluviossolos de aluviões ou coluviões dístricos ou êutricos; sendo os êutricos mais raros e quase só no Douro Superior, onde são menos ácidos. Nos terraços fluviais e depósitos de vertente também se encontram cambissolos diversos. Mas a maior parte dos solos onde as vinhas estão implantadas são, como já referimos, de origem artificial, são pois antrossolos de mistura (dístricos ou mais raramente êutricos) de xistos ou de gneisses (nas faixas de transição geológica dos xistos para os granitos, sendo estes últimos em muito menor escala.

A grande maioria dos solos da região serão, portanto, antrossolos de mistura dístricos de xisto. Os solos das vinhas durienses, na maioria antrossolos, são de um modo geral solos de textura franca com bastante limo e areia fina, bastante ácidos (pH de 4,5-5,5, embora no Douro Superior atinjam o pH 6.0 ou mesmo 6.5) e horizontes pouco definidos, pouco evoluídos e pobres em matéria orgânica.

Nas zonas marginais da região demarcada surgem manchas graníticas e é nessa transição xisto/granito que há alguns solos arenosos ainda de cor mais clara e ainda mais ácidos.

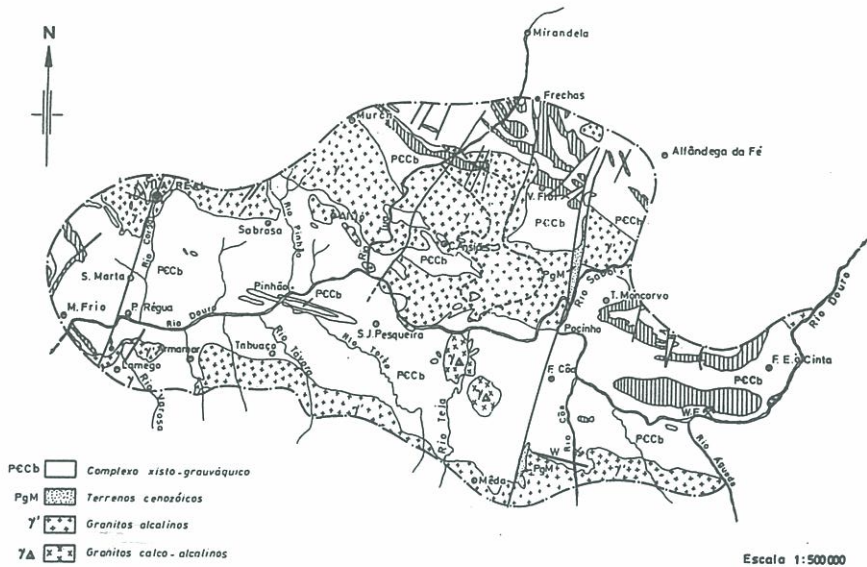


Figura 9 – Carta geológica da região durianse

Caracterização dos antrossolos:

Vamos citar a definição de antrossolos (ou antropossolos) proposta por Afonso Martins (1985): «Como a palavra sugere, são solos nos quais o Homem teve uma influência decisiva na sua formação.

Assim acontece na maioria dos solos que constituem as vinhas do Douro, os quais seriam uma associação de leptossolos e cambissolos (dístricos na sua maioria) e no seu estado natural não permitiram a instalação da vinha em face da sua pequena espessura e conseqüente dificuldade de penetração do sistema radicular e de armazenamento de suficiente volume de água para suprimir as necessidades da planta.

A acção do Homem desenvolveu-se no sentido de conseguir um aprofundamento do solo através de uma mobilização profunda que provocou a desagregação da rocha e a sua fractura em pedaços de diferente tamanho e a mistura do solo pré-existente com todo o material daí resultante.

Após esta operação, o solo passa a ter um perfil formado por uma camada única com profundidade que oscila entre 1 e 1,5 m constituída por uma mistura de algum solo com pedregosidade de diferentes tamanhos, numa proporção que depende da espessura inicial de solo e da dureza da rocha, mas sempre elevada.

Normalmente, com o decorrer do tempo e devido à acção dos elementos climáticos e da acção mecânica das máquinas durante as mobilizações anuais na camada superficial, e ao processo de meteorização dos pedaços de rocha ao

longo do perfil, há uma diminuição do teor de pedregosidade à superfície e ao longo do perfil do solo. Também porque existe maior densidade de raízes na camada superficial e porque é nessa camada onde se fazem os cultivos anuais, há a tendência para a formação de um horizonte superficial com características um pouco diferentes do resto do perfil.

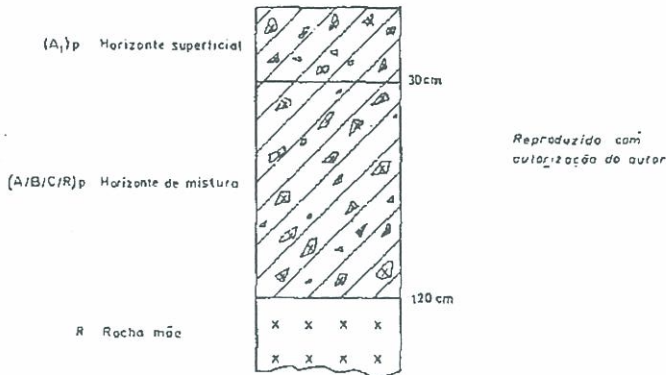


Figura 10 – Perfil típico de Antrossolo

Sobre as suas características, são solos de textura grosseira a média em que dominam teores elevados de areia fina e limo, elevado teor de elementos grosseiros, baixos teores de matéria orgânica, sub-ácidos e baixos teores em bases.

A sua utilização para o cultivo da vinha pressupõe a incorporação de estrumes, de correctivos calcários e adubos de acordo com as doses aconselhados, depois da análise do solo em cada caso.

Trabalho semelhante tem sido feito na implantação de novos povoamentos florestais com o aproveitamento de solos delgados e pobres para a instalação de espécies florestais, nomeadamente de resinosas. Neste caso não é costume proceder-se como no caso anterior quanto à incorporação de fertilizantes e estrumes dados as menores exigências destas espécies e o seu rendimento».

Junto aos rios, fundos dos vales, base das encostas e faixas laterais das linhas da água definem-se algumas estreitas manchas de fluvissois de aluviões, solos portanto mais evoluídos, geralmente de textura franco-argilosa, com horizontes melhor definidos, alguma pedregosidade mas menor e à base de material boleado ou rolado, e são solos bastante mais férteis que os antrossolos (ou antropossolos) atrás referidos.

No Douro Superior, devido a características geológicas um pouco diversificadas dentro do complexo xisto-grauváquico, pois surgem rochas menos ácidas, e devido a uma ainda mais acentuada aridez, os solos são um pouco mais argilosos e menos ácidos que no Baixo e Cima Corgo.

1.4. Flora e Vegetação

Já num estudo de 1944 do Prof. Arnaldo Roseira sobre a flora da Província de Trás-os-Montes se reconhece que a subdivisão microclimática está, por sua vez, intimamente ligada à orografia e a situação geográfica das diversas sub-regiões, como se explicita nalgumas das suas conclusões que tomamos a liberdade de transcrever:

– «A região do vale do Douro (aproximadamente a zona quente do Norte de Gerardo Pery, e o Alto Douro de H. Lautensach e de A. Girão) liga-se, sob o ponto de vista florístico, à região mediterrânea e ao Centro Espanhol. Por tal facto, quer-nos parecer que se deve considerar esta zona ligada ao Centro Espanhol, e que as plantas espontâneas da região mediterrânea, são aí possíveis por causa da temperatura de Verão. As plantas cultivadas existem, não só pela temperatura e secura da estação quente, mas também pelos cuidados prestados pelo Homem, que impedem a concorrência da vegetação espontânea.

– É importante notar que é principalmente a humidade que condiciona a distribuição dos vegetais dos sectores Norte-Atlântico e Central. A linha que os divide coincide, no seu traçado geral, com a de separação da Ibérica húmida da Ibérica seca.

– Sobrepoem-se nos vales do Douro, Tua e Sabor, os sectores central peninsular e a região mediterrânea. Pela percentagem das plantas anuais, bienais, vivazes e perenes, quer-nos parecer que se pode explicar o facto. O clima destas regiões coincide com o Centro Espanhol e com o do Mediterrâneo em parte do ano, na estação quente. É o que parece indicar o grande número de espécies, que na estação desfavorável, ou estão reduzidas a órgãos de disseminação, ou então reduzem a parte aérea para não perderem calor para o exterior.

– Devemos, portanto, considerar nesta Província dois grupos florais: Trás-os-Montes, a parte mais elevada e com domínio da flora europeia, e Alto Douro, aquele em que domina a flora mediterrânea. Grande parte da província, principalmente a parte leste, deve ser considerada como pertencente ao sector centro-espanhol».

Aliás Arnaldo Roseira cita geógrafos como Pery, Lautensach e A. Girão e climatologistas como Amorim Ferreira para confirmação dessas subdivisões, baseia directamente o seu estudo numa inventariação de cerca de milhar e meio de espécies de toda a Província que sintetiza em dois mapas (ver Figuras 11 e 12 que se transcrevem com as devidas autorizações do editor) e que explicitam as principais linhas de influência da flora de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde o Alto Douro se situa na zona de confluência dessas duas correntes florísticas fundamentais (Norte-Atlântica e Centro-Ibérica) que na realidade de desdobram em quatro: Atlântica, Leonesa (Pirenaico-Cantábrica), Centro-Ibérica e Ibero-Mediterrânea.